

Estereótipo ou identidade cultural: reflexões da cearensidade no filme “cine holiúdy”¹

João Eudes Portela de Sousa²

Resumo: O presente artigo nos estimula a uma reflexão sobre a imagem do cearense a partir do filme cine holiúdy, analisando os aspectos referentes à construção do que podemos chamar de identidade cultural. A cearensidade, conceito que é utilizado para traduzir características inerentes ao *ethos* de vida do povo cearense, tem sido representada em diversos meios audiovisuais através de forma exótica e humorística de um sujeito castigado, sofredor, mas que não perde o senso de humor. O objetivo desse estudo é buscar uma compressão de como é feita a construção dessa cearensidade e identificar algumas questões relacionadas à cultura e aos estereótipos que permeiam o universo da identidade cultural cearense representada nos comportamentos personificados no filme.

Palavras-Chave: Cine holiúdy. Cearensidade. Estereótipo. Identidade. Cultura.

Abstract: This article encourages us to reflect on the image of Ceará from cine film holiúdy, analyzing aspects concerning the construction of what we call cultural identity. The cearensidade concept that is used to translate the ethos inherent characteristics of people living in Ceará, has been represented in various audiovisual media through exotic and humorous way of a battered person, sufferer, but do not lose your sense of humor. The aim of this study is to seek a compression as it is done building this cearensidade and identify some issues related to culture and stereotypes that pervade the universe of Ceará cultural identity represented in the behaviors embodied in the movie.

Keywords: Cine holiúdy. Cearensidade. Stereotype. Identity. Culture.

Introdução

Estamos vivenciando um época onde as questões socioculturais tem ganhado mais força e espaço. Porém, essas manifestações traduzem os questionamentos dessas últimas décadas em que através de diversos movimentos sociais como os das classes marginalizadas e minorias tem se tornado como um fenômeno de reivindicações

¹ Trabalho apresentado no GT 3- Cinema no Delírio Contemporâneo, do Encontro Nacional de Pesquisa em Comunicação e Imagem - ENCOI.

² Mestrando do Curso de Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná – UTP, participante do grupo de pesquisa desdobramentos simbólicos do espaço urbano em narrativas visuais, professor do Instituto Federal do Ceará, e-mail: joaoportelas@gmail.com.

de direitos sociopolíticos que reconhece as lutas de uma longa história de renúncia e negação. Essas novas práticas culturais, se configuram como fenômenos e trazem à tona reivindicações que pareciam estar superadas, como etnocentrismo, regionalismos, racismos, essencialismo e não essencialismo

Compreendemos que a identidade é algo que está em constante transformação em que nessa sociedade contemporânea se configuram como construções plurais e fluídas. Deve-se compreender que estamos lidando com algo que não é manipulado, que está relacionado a processos bem mais complexos, que tange na conduta de cada sujeito, na maioria das vezes ocorre de forma inconsciente, de difícil compressão, por estarmos vivendo em uma sociedade globalizada, cujos sujeitos, que aqui estão inseridos, em grande parte, comungam dos mesmos processos e sofrem as mesmas consequências dessa sociedade global.

Neste sentido, nos propomos discutir o filme cine *holliúdy* e, rever essa tendência de caracterizar o cearense como um sujeito estereotipado, com características cristalizadas pelos meios de comunicação que remetem o cearense sendo um sujeito - ignorante, pobre, sofredor, retirante, ingênuo, etc. Colocaremos o debate em torno das construções identitárias e identificaremos o que seria identidade ou estereótipos. Tendo em vista, que essas abordagens fílmicas potencializam os estereótipos e a imagem do cearense e seu *ethos* de vida representado sempre em um espaço de sofrimento, luta e dor.

Cultura: conceito e evolução

Atualmente, a expressão “cultura” é recorrentemente empregada, de tal modo que seu uso soa como “modismo” apresentando-se como uma espécie de palavra “guarda-chuva”, abrangendo diversas áreas e significados. O que se percebe é que, desde que começou a ser estudado, o conceito passou por diversas transformações até chegar à ideia de “cultura” que remetemos hoje. Segundo Paulo César Alves (2010), podemos entender o termo como uma “palavra mosaico”, pelo que, por meio dos

diversos sentidos revelados por ele, trata-se de uma palavra bastante rica e atrativa. Entretanto, sobre ela pode incidir algumas interpretações contraditórias e até ambíguas.

Antes de adentrar na evolução de conceito de cultura, é pertinente tecer alguns comentários relacionados ao etnocentrismo. Este é estabelecido como um fenômeno decisivo nas relações sociais. É facilmente apercebido por meio dos contatos diários entre os sujeitos de diversas culturas, uma vez que dá ensejo ao que identificamos como “choque cultural”. Assim, é através do conhecimento ou do contanto com o diferente que emerge o etnocentrismo, despertando um sentimento de estranheza, que segundo Rocha (1994, p. 13):

“... passa exatamente por um julgamento da cultura do ‘outro’ nos termos da cultura do grupo do ‘eu’”. Ou seja, o julgamento e as análises dos hábitos de cada cultura são feitos a partir da visão daquilo que é “seu”, o que pode ensejar estranhamentos sobre o que é “novo”.

Diariamente somos colocados em situações que nos levam a pensar e até a agir de forma individualista e etnocêntrica. Essas atitudes são reflexos de uma educação cultural carregada de rótulos e preconceitos construídos nas relações diárias, que são absorvidos de diversas maneiras e, em grande parte, estereotipados nas situações de confronto com o novo ou com o diferente. Podemos citar como exemplo a ideia etnocêntrica que temos dos baianos, dos nordestinos, dos negros, dos *funkeiros*, etc. O que se torna perigoso nesse aspecto é a construção de conceitos e ideologias que se estabelecem através das diferenças culturais, podendo gerar juízos de valores distorcidos e fantasiosos.

Aqueles que são diferentes do grupo do eu – os diversos “outros” deste mundo – por não poderem dizer algo de si mesmos, acabam representados pela ótica etnocêntrica e segundo as dinâmicas ideológicas de determinados momentos. (ROCHA, 1994, p. 15).

A palavra cultura vem do vocabulário francês, tendo sua origem no latim, a qual significa cuidados com o campo e o gado, oriunda do final do século XIII. Logo no meio do século XVI, perdeu esse sentido atrelado ao cultivo da terra e ao pastoreio do gado, tendo se estabelecido, em sentido figurado, como cultura de uma faculdade. No século XVIII é que esse sentido começa a se impor, chegando aos pensadores do

iluminismo como uma soma de conhecimentos e saberes acumulados e repassados pelo sujeito em sociedade. O termo *Kultur*, evolui rapidamente, fato que é atribuído por alguns pesquisadores devido à adoção do vocábulo pela burguesia intelectual alemã.

A teoria evolucionista deu os primeiros passos na formulação do conceito de cultura e, segundo Rocha (1994, p. 26), “no evolucionismo – o outro é diferente porque possui diferente grau de evolução – esse entendimento é percebido por alguns teóricos como inadequado, tendo em vista seu caráter etnocêntrico de enxergar o outro”. Citando Edward Tylor (ROCHA, 1994 p. 30), o autor define ainda “cultura ou civilização em seu sentido etnográfico estrito como todo complexo que inclui conhecimento, crenças, leis, artes, moral, costumes e quaisquer outra capacidade e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro da sociedade”.

Começa então um novo marco nos estudos sociológicos e antropológicos na abordagem sobre cultura. Os estudos antropológicos – desenvolvidos a partir do século XIX, até a metade do século XX – passaram a compreender a existência de diversas formas de sociedade, afastando-se da ideia etnocêntrica preponderante até então. Assim, as sociedades começaram a admitir outros formatos e modelos socioculturais para além das fronteiras geográficas em que estavam inseridos.

Mais especificamente, preocupando-se em estabelecer um conhecimento “objetivo” que seja capaz de aprender a realidade sociocultural em “si mesma”, os estudos socioantropológicos partiram dos pressupostos de que os fenômenos culturais são construídos de uma realidade específica, composta de estruturas ou sistemas de relações independentes das vontades ou consciência individuais. (ALVES, 2010, p. 37).

Sociedade e sujeito estão se relacionando a todo instante. Assim, ao mesmo tempo em que a cultura influencia esses sujeitos, formando seus hábitos e tradições, ela também é influenciada por essa interação, o que para Cuche (1999) é visto como um processo contínuo de troca e de negociação: sujeito e cultura. Essa relação provoca uma adaptação simultânea entre ambos. Ou seja, ao passo em que os sujeitos influenciam a formação de novas culturas, as culturas existentes também influenciam os costumes e as tradições dos homens. “A cultura permite ao homem não somente adaptar-se a seu meio, mas também, as suas necessidades e seus projetos. Em suma, a cultura torna possível a transformação da natureza.” (CUCHE, 1999, p. 10).

O homem sempre foi um ser ávido por descobertas e, desde as primeiras civilizações, tentou se diferenciar e revelar sua cultura e identidade através de rituais, pinturas e demais manifestações. Quando pensamos em cultura social ou individual devemos compreender a junção de vários elementos, os quais podem ser autênticos ou adquiridos, de criações próprias ou emprestados. Michel de Certeau (1980) define a cultura fabricada como sendo simples ações corriqueiras do dia a dia, nas mais diversas atividades, as quais são (re)construídas e a todo instante.

Observe-se que, inquestionavelmente, a sociedade atual insere-se em um contato permanente com as produções midiáticas, nos mais diversos locais. Assim, a cultura é fabricada em grande escala, sendo consumida diuturnamente. Essa produção, provinda dos meios de comunicação, aflora nos sujeitos o desejo de absorver cultura em todo espaço e em todo lugar. Ante o excesso da produção de bens simbólicos, as pessoas passam a buscar uma identificação a partir do consumo daquilo que é disseminado, representado pela busca frequente por pertencer a grupos diante da necessidade de se “estar inserido”. Resta perceptível que os sujeitos tendem a ser levados para encaixarem-se em perfis preestabelecidos, a fim de fazer parte de uma sociedade ou de uma cultura – deixando claro que cultura e identidade cultural se distinguem, mas que andam de “mãos dadas”.

Interessante pensarmos a luz de Denys Cuche (1999, p. 14), quando ele nos fala que: “o encontro das culturas não se produz somente em uma sociedade global, mas também entre grupos sociais pertencentes a uma mesma sociedade complexa. Como corrobora Franz Boas, o precursor em estudos de relativismo cultural, nos coloca a refletir em seus trabalhos através de uma tentativa de pensarmos as diferenças, tendo em vista, que a diferença entre grupos e sociedades não é de ordem racial e sim de ordem cultural.

Cada Cultura é dotada de um “estilo” particular que se exprime através da língua, das crenças, dos costumes, também da arte, mas não apenas desta maneira. Este estilo, este “espírito” próprio de cada cultura influi sobre o comportamento dos indivíduos. CUCHE (1999, p. 45)

Nos estudos relacionados Quando pensamos em cultura social ou individual devemos compreender a junção de vários elementos, os quais podem ser

autênticos ou adquiridos, de criações próprias ou emprestados. Michel de Certeau (1980) define a cultura fabricada como sendo simples ações corriqueiras do dia a dia, nas mais diversas atividades, as quais são (re)construídas e a todo instante.

Sociedade e sujeito estão se relacionando a todo instante. Assim, ao mesmo tempo em que a cultura influencia esses sujeitos, formando seus hábitos e tradições, ela também é influenciada por essa interação, o que para Cuche (1999) é visto como um processo contínuo de troca e de negociação: sujeito e cultura. Essa relação provoca uma adaptação simultânea entre ambos. Ou seja, ao passo em que os sujeitos influenciam a formação de novas culturas, as culturas existentes também influenciam os costumes e as tradições dos homens.

(...) a cultura pode existir sem consciência de identidade, ao passo que as estratégias da identidade podem manipular e até modificar uma cultura que não terá então quase nada em comum com o que ela era anteriormente. A cultura depende em grande parte de processos inconscientes. A identidade remete a uma norma de vinculação, necessariamente consciente, baseada em oposições simbólicas. (CUCHE, 1999 p. 176)

Nesta reflexão, podemos compreender com base nos estudos de Cuche, suas pesquisas no campo da cultura e identidade, em que seus conceitos levam a uma mesma realidade, sendo que, são vistos por ângulos distintos. Sendo assim, identidade e cultura se constroem no processo similar de aceitação e resistência. Na perspectiva de Clifford Geertz (2008), o homem está amarrado a teias, sendo estas com significados que ele mesmo teceu, e podendo entender a cultura como esses significados.

Concepções sobre Identidade

As discussões centrais sobre identidade partem de um campo de reflexões que se referem a questões dicotômicas entre o essencialismo e o não essencialismo. Vivemos em uma época onde se busca encontrar cultura e identidade em todo lugar e em todos os sujeitos, identificado como um fenômeno de exaltação da diferença que tem se fortalecido diante das redes de significados. O conceito de

identidade é estudado por diversos teóricos e o que se percebe é uma discussão nas áreas das ciências sociais em relação a esse campo de pesquisa.

A construção de identidades vale-se da matéria-prima fornecida pela história, geografia, biologia, instituições produtivas e reprodutivas, pela memória coletiva e por fantasias pessoais, pelos aparatos de poder e de revelações de cunho religioso. Porém todos esses materiais são processados pelos indivíduos, grupos sociais e sociedades, que reorganizam seu significado em função de tendências sociais e projetos culturais enraizados em sua estrutura social, bem como em sua visão de tempo/espço (CASTELLS, 2001, p.23).

A identidade deve ser compreendida como algo que não é fixo, instável; algo que não parte do biológico e sim construída por vivências e experiências adquiridas com o mundo exterior. Segundo Hall (2011, p. 8), ao se discutir esse tema, afirma estarmos lidando com tendências muito recentes e ambíguas, caracterizando esse conceito como “[...] demasiadamente complexo, muito pouco compreendido na ciência social [...]”. A identidade de um indivíduo ou de um grupo só pode ser entendida quando se coloca lado a lado com a de outro indivíduo ou de outro grupo.

Deve-se compreender que estamos lidando com algo que não é manipulado, que está relacionado a processos bem mais complexos, que tange na conduta de cada sujeito, na maioria das vezes ocorre de forma inconsciente, de difícil compressão, por estarmos vivendo em uma sociedade globalizada, cujos sujeitos, que aqui estão inseridos, em grande parte, comungam dos mesmos processos e sofrem as mesmas consequências dessa sociedade global.

Compreender as questões identitárias é ir além dos conceitos que se definem como aquilo que não é único, permanente e imutável. Nas perspectivas de Bauman, a modernidade tardia e os efeitos da globalização dispersam os fatores que mantêm a tradição e a valorização da história, do seu passado, devendo-se ao reflexo de um modo globalizado. Vivemos uma espécie de atualização contínua, em que a sociedade contemporânea faz que sintamos uma necessidade de mudar, de correr, de transformar, como se precisássemos sempre de algo novo.

Conforme Denys Cuche (1999), a identidade social se constitui por um conjunto de associações dentro de um sistema social, onde o sujeito está vinculado em diversos modelos, esses modelos são segmentados por diversos fatores, tendo como exemplo: idade, renda, classe social, sexo, país, etc. É através dessa identidade que o

sujeito e coloca nesse espaço em que se localiza ao mesmo tempo que é localizado. Como corrobora Hall (2011, p. 39): A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é “preenchida” a partir de osso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros.

Segundo Canclini (2001, p 149), a identidade é uma construção que pode se estabelecer através da narrativa: "ao se tornar um relato que reconstruímos incessantemente, que construímos com os outros, a identidade se torna também uma co-produção ". Diante disso, as sociedades mais prejudicadas nessas construções são as menos desenvolvidas, por não possuir poderes econômicos, essas sociedades tornam-se mais vulneráveis, a maior parte é, portanto influenciada pelas grandes potências, não se preservando e muitas vezes aniquilando sua própria identidade. De acordo com Hall:

as identidades são construídas por meio da diferença e não fora dela. Isso implica o reconhecimento radicalmente perturbador de que é apenas por meio da relação com o Outro, da relação com aquilo que não é, com precisamente aquilo que falta, com aquilo que tem sido chamado de seu exterior constitutivo, que significado ‘positivo’ de qualquer termo – e, assim, sua ‘identidade’ – pode ser construída (2011, p. 110).

A cultura é o centro das articulações dos valores culturais e socioeconômicos, o que não é surpresa é essa “crise de identidade” que o sujeito hipermoderno, fragmentado, composto por identidade múltiplas, vive hoje. Segundo Woodward, “a identidade é relacional”. (2000, p.9); a identidade deve ser compreendida como algo que se constrói e reconstrói diariamente nos processos de negociação.

Para Barth, deve se tentar entender o fenômeno da identidade por intermédio das ordens das relações entre os grupos sociais. (Denys Cuche, 1999, p. 128). A comunicação sempre teve um papel importante na construção de bens simbólicos. A TV, o rádio, o cinema possibilitaram as circulações de bens simbólicos, ajudando nas suas representações e escolhas na construção e no deslocamento de novas concepções de identidade. Desde a antiguidade as sociedades se estabeleceram hierárquicas, na qual a cultura dos sujeitos não é dada como herança e se constroem nas relações entre si, que são sempre relações de desigualdade entre o dominante e o dominado, a elite e o subalterno.

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre em ‘processo’, sempre ‘sendo formada’. [...] Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’, a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-9, grifo nosso).

A identidade ao mesmo tempo em que identifica, ela também diferencia, tendo em vista esse processo de limitação; cada sociedade, cada sujeito pertencente à determinada identidade, para não se sentir discriminado ou fora dos padrões estabelecidos pela classe dominante. Diante disso, se estabelecem comportamentos de afirmação cultural, uma busca contínua por visibilidade e aceitação. Como corrobora Tadeu Silva (2009, p.75), essas ações “tem por interesse defender, e muitas vezes disseminar sua cultura e as ações produzidas em seu meio, o que para os teóricos trata-se do “produto derivado da identidade”.

A cultura é algo muito peculiar de uma sociedade, o que a torna como aspecto diferente, exótico, na formação da identidade de um povo visto frente a outras sociedades. Mesmo com essa homogeneização de cultura que tem se configurado nesse mundo globalizado, são os elementos que formam a identidade não-essencialista, podendo ser relacionados com as discussões de comunidades imaginadas proposto por Benedict Anderson. Segundo Kathryn Woodward (2009, p 41): “Cada cultura tem suas próprias e distintas formas de classificar o mundo. É pela construção de sistemas classificatórios que a cultura nos propicia os meios pelos quais podemos dar sentido ao mundo social e construir significados”.

O que acontece no Ceará, falas, gírias, questionamentos e inquietações da identidade cultural do cearense, em questão de segundos, podem ser absorvidos em qualquer parte do mundo, uma vez que as fronteiras se encurtaram e o que parecia isolar acabou estreitando os laços. Existem diversos símbolos que são marcas da identidade, as pessoas marcam e são marcadas, isso fortalece a representação dos grupos, compreendendo que a identidade passa por uma construção não só simbólica, mas também social.

Toda cultura particular é uma reunião de elementos originais e de elementos importados, de invenções próprias e de empréstimos. Existe um limite que demarca uma identidade cultura da outra, que acaba estabelecendo o que está certo ou errado, dentro ou fora dos padrões. (DENYS CUCHE. 1999, p. 149),

Observe-se que, inquestionavelmente, a sociedade atual insere-se em um contato permanente com as produções midiáticas, nos mais diversos locais. Assim, a cultura é fabricada em grande escala, sendo consumida diuturnamente. Essa produção, provinda dos meios de comunicação, aflora nos sujeitos o desejo de absorver cultura em todo espaço e em todo lugar. Ante o excesso da produção de bens simbólicos, as pessoas passam a buscar uma identificação a partir do consumo daquilo que é disseminado, representado pela busca frequente por pertencer a grupos diante da necessidade de se “estar inserido”.

Resta perceptível que os sujeitos tendem a ser levados para encaixarem-se em perfis preestabelecidos, a fim de fazer parte de uma sociedade ou de uma cultura – deixando claro que cultura e identidade cultural se distinguem, mas que andam de “mãos dadas”. Conforme Cuche (1999), a identidade social se constitui por um conjunto de associações dentro de um sistema social, onde o sujeito está vinculado a diversos modelos, sendo estes segmentados por diversos fatores, como idade, renda, classe social, sexo, país etc. É através dessa identidade que o sujeito se coloca em um espaço no qual se localiza ao mesmo tempo em que é localizado.

Como corrobora Hall (2011, p. 39), a “identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”. É percebido, então, na sociedade contemporânea, o profundo envolvimento da identidade nos processos de representações. Os meios de comunicação têm se colocado como um espaço de produção e representação simbólica na construção de identidades dentro de diversas linguagens em diferente formatos.

Reflexões sobre Cine *Hollíudy*

A representação construída em cima da imagem do cearense, seja no cinema, na literatura, no teatro, na telenovela, seja no imaginário coletivo, foi construída e disseminada com bastante ênfase nos aspectos voltado as questões da miséria, ignorância, seca e humor. Ao longo da história que foi construída e fortalecida como um todo, os aspectos agregados à imagem do nordestino como se toda a região fosse padronizada. Nos colocamos a questionar o que seria mito ou identidade cultural, até que ponto o que consumimos pela mídia se faz verdade, é a realidade? Essa cearensidade representada no filme folcloriza ou traduz comportamentos e hábitos culturais do cearense?

Quando narramos o outro, estamos dando uma “cara”, uma personalidade, que acreditamos lhes ser próprias, e quando isso é publicizado, se constrói uma imagem a partir daquilo que pensamos ser ele. Nesse sentido, com a força dos meios de comunicação a sociedade identifica ‘uns’ através de estereótipos, formas padronizadas que não pertencem aos indivíduos, mas que são postas como suas, no intuito de homogeneizar e dissolver as diferenças. Como a influência da mídia somada ao poder da representação essas práticas se realizam e modelos são reproduzidos e repassados, como lugares naturalizados e construídos sob “verdades” inventadas.

Nas sociedades contemporâneas, caracterizadas pelo desenvolvimento de uma poderosa indústria cultural, os mídia eletrônicos — particularmente a TV — tornaram-se os agentes principais na [...] disseminação de representações sobre a realidade. As formas pelas quais a realidade é representada nos mídia desempenham um papel constitutivo na vida política e social e não são meros reflexos ‘a posteriori’ dos eventos, em um processo dinâmico estabelecido através de ‘Cenários de Representação’ (PORTO, 1995, p. 58).

Construído através de suas linguagens/imagens, legitimando e subjetivando na sociedade o lugar do cearense como “o outro”, enxergado como um espaço de figuras exóticas e alegóricas, talvez por essa ser a terra dos maiores nome do humor do país³ o Ceará surgiu enquanto uma região engendrada pelas práticas e tramas

³ O Ceará virou referência e se consagrou por exportar os maiores nomes do humor no Brasil, como Chico Anísio, Tom Cavalcante, Renato Aragão, Tiririca, dentre outros.

históricas dentro de um terreno contestado por inúmeras possibilidades e maneiras de ser. A partir disso, como esses discursos imagéticos inventam o ser cearense? Que falas, feições e traquejos são postos e tomados como se lhes pertencessem? O cinema refere-se, assim, a um sistema simbólico que está efetivamente envolvido nos processos de representação dessas identidades, como diz Woodward:

“Essas identidades e o artefato com o qual elas são associadas, são produzidas, tanto técnica quanto culturalmente, para atingir os consumidores que comprarão o produto com o qual eles - é isso, ao menos, o que os produtos esperam - se identificarão” (WOODWARD, 2009, p.68).

Conforme Cucho (1999), a identidade social se constitui por um conjunto de associações dentro de um sistema social, onde o sujeito está vinculado a diversos modelos, sendo estes segmentados por diversos fatores, como idade, renda, classe social, sexo, país etc. É através dessa identidade que o sujeito se coloca em um espaço no qual se localiza ao mesmo tempo em que é localizado. Como corrobora Hall (2011, p. 39), a “identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é ‘preenchida’ a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros”.

Para pensarmos o Ceará e o ser cearense como invenções, tomamos a produção fílmica que o retrata de forma emblemática e folclorizada o longa cine *holliúdy*. Esta produção demonstra um mesmo cearense, que do litoral ao sertão é retratado sob as mesmas configurações e paisagens, (re)apresentando identidades. O filme é completamente regional, exibido com legendas, já que talvez nem no próprio cearense consiga entender o “cearencês” falado na tela.

(...) tal como é contada e recontada nas histórias e nas literaturas nacionais, na mídia e na cultura popular. Essas fornecem uma série de estórias, imagens, panoramas, cenários, eventos históricos, símbolos e rituais nacionais que simbolizam ou *representam* as experiências partilhadas, as perdas, os triunfos e os desastres que dão sentido à nação. (HALL, 2011, p. 52)

O filme recria o cearense e conta a história de Francisleidyson (nome exótico, partindo da ideia que os cearenses têm nomes incomum), um exibidor de cinema que com medo que sua ferramenta de trabalho se torne obsoleta devido a

chegada da televisão, faz de tudo para conseguir manter viva a tela do cinema. Ao lado da mulher e do filho, eles se mudam para a cidade de Pacatuba no Ceará e lá pretendem abrir um cinema “de verdade”, onde utilizando fitas antigas que ele mesmo dubla, a abertura do cinema se torna o maior acontecimento do lugar e não tarda para que o prefeito queira dizer que aquilo tudo é obra de sua campanha.

Os personagens secundários são todos estereótipos de pessoas que poderiam ser encontradas facilmente nas ruas de qualquer cidade: o padre, o gago, a namoradeira, o gay afetado, a lésbica que gosta de futebol, o cara sarado que exalta o próprio corpo, o bêbado, todos eles contribuem com o humor do filme. Tal construção se opera no âmbito da representação, conforme considera Hall (2011), não se nasce sendo cearense, mas se passa por uma formação que, ao final do processo, fará com que o indivíduo se sinta como um cearense. “Essas identidades não estão literalmente impressas em nossos genes. Entretanto, nós efetivamente pensamos nelas como se fossem parte de nossa natureza essencial”. (HALL, 2011, p. 47)

Os veículos de comunicação são considerados responsáveis por disseminar modelos construídos e cristalizados desse sujeito cearense. O cinema tem reiterado esses estereótipos e fortalecendo construções simbólicas que perpetuam até hoje. Essas construções imagéticas ganham força e vêm à tona sempre, pudemos observar na eleições presidenciais de 2014, quando a região Nordeste do país foi o fator decisivo para a reeleição da presidente Dilma, onde os nordestinos foram alvos de preconceito e xenofobia.

Glauber Rocha, representante de uma corrente intitulada como Cinema Novo, foi o percussor de um estilo - Estética da Fome - que representava o nordeste como um lugar seco e de miséria. Suas construções fílmicas, trouxeram à tona uma região castigada e esquecida pelos governantes. Muitos anos se passaram e hoje as representações construídas no cinema que representam o povo cearense parece ter parado no tempo. Percebe-se que ainda se prendem a existência de um contexto social muitas vezes retrógrados e estigmatizados, onde as imagens veiculadas se prendem a um cearense ignorante, caricato e bem humorado.

Considerações Finais

O Ceará se mostra no meio audiovisual como um lugar de pessoas alegres, batalhadoras, praias belas, porém com os sujeitos são marginalizados e sofridos. Desde os primeiros filmes rodado no estado tinham esse apelo a questões da seca e miséria. O sucesso dos humoristas nascidos nessa região, também influenciam no imaginário e nas construções simbólicas perante aos habitantes de outras regiões do país. As representações não são entendidas como um recorte que se coloca diante de diversos mundos presentes em um mesmo território. Esse recorte ainda hoje estereotipa e folcloriza a identidade do cearense.

O filme cine *holliúdy* só reforça esses estereótipos que percorrem por décadas no imaginário coletivo, tendo em vista, que essas práticas simbólicas foram construídas pela mídia através de modelos e estereótipos que deram certo e se cristalizaram quando colocados a pensar o sujeito cearense. O que deve ser levado em consideração nesse trabalho, é que essas construções estabelecidas dentro do filme partem de padrões que permeiam a ideia do cearense caricato e exótico.

É perigoso construir um modelo de uma identidade, pois quando se estereotipa um povo, uma região, um lugar, você reduz a pluralidade de significados e cria como verdadeiro um único olhar. Muitos elementos importantes da cultura cearense foi esquecido e alguns elementos de outros estados se colocaram em cena como parte exclusiva do cearense. Portanto, o filme abre espaço para diversas leituras e questionamentos dessa suposta identidades cultural ou estereótipo.

Referências bibliográficas

ALVES, Paulo César (org.). **Cultura**: múltiplas leituras. Bauru: EDUSC; Salvador: EDUFBA, 2010.

BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

BIZERRIL, Luiz (org.) **Cartografia do Audiovisual Cearense** / Fortaleza: Dedo de Moças Editora e Comunicação Ltda, 2012.

CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade.** São Paulo: EDUSP, 2001.

CASTELLS, M. **O poder da identidade.** São Paulo: Paz e Terra, 2001.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais.** Bauru: EDUSC, 1999.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 11. ed. Rio de Janeiro: Dp&A, 2011.

_____. **Quem precisa da identidade?** In: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** Petrópolis: Vozes, 2009.

PORTO, Mauro. **Telenovelas e Política: o CR-P da eleição presidencial de 1994.** *Comunicação e Política*, v.1, n.3, p. 55-76, abril-julho 1995. Disponível em: <<http://www.unb.br/fac/mporto/mauro3.htm>>. Acesso em: 15 de setembro de 2014.

ROCHA, *Everardo P. Guimarães.* **O que é etnocentrismo.** 11. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.

WOODWARD, Kethryn. **Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual.** In: SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença.** A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis-RJ: Vozes, 2009.